



A mercantilização do conhecimento: a lógica capitalista das publicações científicas acadêmicas

Ketly Mayara de Melo Jaques

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – IF Sudeste MG, Campus São João Del Rei

Especialista em Didática e Trabalho

ketlyjaques@gmail.com.

Janaína de Assis Rufino

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – IF Sudeste MG, Campus São João Del Rei

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

janaina.rufino@ifsudestemg.edu.br

Resumo: A organização da produção humana a que estamos sujeitos possui uma ligação intrínseca com a forma de organização da sociedade atual. Neste contexto ligado à produção, destacamos o meio acadêmico e suas especificidades. Observamos que, atualmente, há uma grande indução à excessiva produção na academia. Os fatores que intensificam este apelo por produção e publicações são vários, seja tornar um currículo robusto, conseguir um diferencial nos processos seletivos que utilizam a análise do currículo e vários outros motivos que aumentam ainda mais esta alusão à produtividade em meio acadêmico. Entender este fenômeno torna-se imprescindível e necessário, desta maneira, este artigo visa discutir essa temática a partir de uma revisão bibliográfica sobre esse assunto. A forma como encontra-se organizado o meio acadêmico, ligado às produções científicas, em nosso ponto de vista, assemelham-se a um jogo com regras, participantes, pontuações e várias outras características. Assim, podemos denominar esta forma de organização como sendo: o jogo acadêmico. Neste jogo acadêmico, o pesquisador é persuadido a produzir constantemente, trabalha-se nesta produção propriedades que estão ligadas à lógica capitalista, como por exemplo, a métrica tempo e a medida de quantidade, nas quais, quanto mais rápido produzir melhor é, e quanto maior a quantidade também. Nas considerações finais apresentamos uma breve reflexão frente às contribuições dos diversos autores e suas obras que compõem esta revisão bibliográfica, destacamos aqui o autor Pierre Bourdieu e seu livro “Os usos sociais da ciência por uma sociologia clínica do campo científico” e Johan Huizinga e seu livro “Homo Ludens”.

Palavras-chave: Mercantilização; jogo acadêmico; conhecimento científico.

Introdução

O contexto global, atual, mostra-se fundamentado em uma lógica capitalista, na qual, qualquer forma de produção/organização humana tende a ser mensurada e comercializada. Para se atingir os fins almejados, em tudo se agrega um valor para troca/comercialização. No âmbito acadêmico tal realidade não se difere, os estudantes/pesquisadores para alcançarem “bons” resultados em alguns processos seletivos, bolsas de estudos ou construírem um “bom” currículo, precisam produzir, publicar e apresentar teses, resumos, artigos, palestras e outros.

Neste contexto, cria-se um cenário próximo a um jogo denotando grande relevância para a criação de ferramentas e atividades ligadas à produção acadêmica. Essa realidade contribui para um fascínio pela quantificação e o “produtivismo” acadêmico, levando o conhecimento a tornar-se um instrumento de mercantilização, uma mercadoria que está em jogo. A exemplo disso temos o currículo Lattes criado com o intuito de ser um eficiente instrumento para o intercâmbio, troca e organização de informações ligadas à produção acadêmica. A plataforma *Lattes* possibilita a seus usuários a criação de um currículo, no qual, será exposto as realizações acadêmicas, experiências profissionais e outros fatores, registrando sempre as produções científicas.

Devido a sua organização, o currículo *Lattes* tornou-se uma ferramenta eficaz para a mensuração das habilidades e do “conhecimento” de cada usuário. E como consequência desta organização muitos processos seletivos e etapas de seleção curricular adotam a avaliação do currículo Lattes de cada candidato como uma forma de atribuir “pontos” a cada produção científica expressa nesta plataforma. Dessa forma, a mercantilização da produção científica se reafirmar por meio da seleção curricular.

Nessa perspectiva, a forma como encontramos disposto esta organização atual que enaltece o acúmulo das produções científicas para um fim específico voltado para a concessão de um bom currículo e consequentemente uma boa pontuação em processos seletivos, resulta no que chamamos, aqui nesta discussão, como jogo acadêmico.

Nossa proposta diante do posto é, neste artigo, inicialmente propor uma associação entre a definição de jogo numa perspectiva sociológica e a organização das produções científicas. Em um segundo momento, tentaremos identificar e discutir a lógica Capitalista existente nas produções do campo científico e seus impactos para os pesquisadores e instituições envolvidas, quando discutiremos a relação dessa lógica capitalista organizada no “jogo acadêmico”.

1 O jogo acadêmico

Em um retrospecto sobre a definição do ser humano, no campo da Sociologia, encontramos várias designações, dentre elas: *Homo sapiens*, *Homo Demens*, *Homo Faber* e *Homo Ludens*. A ideia do progresso dessas designações baseia-se na premissa de que o aprimoramento do conhecimento e o avanço da espécie humana caminham juntos, fazendo com que o ser humano esteja em constante modificação. Neste aspecto, as atividades humanas sofrem modificações e na maioria das vezes a organização dessas atividades mostra-se por meio de um “jogo”, com o intuito da obtenção de um fim específico.

Assim como afirma Huizinga (2000, p. 2), a noção de jogo na sociedade é um fator distintivo fundamental, visto que se mostra presente em qualquer acontecimento pelo mundo. Sendo assim, é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve, o jogo representa a forma como o ser humano interage com a sociedade. É um fator cultural e natural da espécie.

Ainda nesse contexto, para uma melhor compreensão, Huizinga (2000) define o jogo como sendo muito mais do que uma mera atividade lúdica, representa uma atividade com significações e peculiaridades:

[...] O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida quotidiana” (Huizinga, 2000, p. 25).

Fazendo um paralelo com a representação dos jogos tipificando-os na sociedade atual, destacamos a vida acadêmica. Na qual, devido à expansão dos programas políticos voltados ao ensino, às mudanças sociais e culturais em que vivemos, as pessoas conquistaram uma determinada conscientização sobre a importância da educação como um mecanismo facilitador da ascensão econômica e social. Há, em nosso ponto de vista, atualmente, uma acessibilidade maior à educação e principalmente no que diz respeito ao Ensino Superior. Em comunhão com esta crescente demanda acadêmica, percebemos um constante e acelerado avanço no número de publicações científicas.

Assim como em um jogo, a produção de conhecimento por meio das publicações científicas, na vida acadêmica, possui suas especificidades. Há características que são próprias do jogo que também são fáceis de identificar em meio a este “mundo acadêmico”, como por

exemplo: a competição, os fatores culturais, o campo, o prazer pela participação, as regras, a pontuação obtida através do resultado, a satisfação, a tensão, a alegria e outros fatores.

Levando em consideração essa perspectiva, identifica-se que em todo jogo há um cenário de atuação, um local no qual acontece toda a organização. No meio acadêmico, equipara-se a esse cenário, o campo científico. Assim como ressalta Bourdieu em sua definição referente ao campo científico: “É o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável como capacidade técnica e poder social [...]” (Bourdieu, 1983, p. 122).

Para uma melhor fundamentação do campo, Bourdieu (2004, p. 20) contribui com seu conceito, no qual afirma que um campo é um fator importante para entendimento de uma produção cultural, pois, não basta destacar apenas o conteúdo textual, tampouco referir-se apenas ao contexto social. Faz-se necessário compreender o fator intermediário, entender o universo em que estão inseridos os agentes e instituições que produzem e reproduzem este conteúdo: o campo.

Para o autor, o campo designa um espaço autônomo. O campo científico possui características que o assimilam com o campo político, principalmente no que diz respeito ao poder:

De um certo ponto de vista, o campo literário (ou científico) é um campo como os outros (contra todas as formas de hagiografia ou, simplesmente, contra a tendência de pensar que os universos sociais onde são produzidas essas realidade de exceção que são a arte, a literatura ou a ciência só podem ser totalmente diferentes, diferentes sob todos os aspectos): trata-se de uma questão de poder – o poder de publicar ou de recusar a publicação, por exemplo –, de capital – o do autor consagrado que pode ser parcialmente transferido para a conta de um jovem escritor ainda desconhecido, por meio de um comentário elogioso ou de um prefácio; - aqui, como em outros lugares, observam-se relações de força, estratégia, interesses, etc. (Bourdieu, 2004b, p.170).

Dessa forma, neste “jogo acadêmico” além do campo temos também o poder que se encontra estreitamente relacionado com o campo acadêmico, assim como afirma Bourdieu (2004, p. 24):” Os conflitos intelectuais são também, sempre, de algum aspecto, conflitos de poder”. Nesse meio, destacamos o capital que o indivíduo possui e a forma como se relaciona com ele. Segundo Bourdieu, existem dois capitais distintos: o capital puro ou específico e o capital institucional, temporal ou político. O capital institucional que exerce importância ímpar nas instituições científicas que representa o:

Poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos etc.) e de reprodução (poder de nomear e refazer carreiras) que ela assegura (Bourdieu, 2004, p. 35).

Já o capital puro está relacionado ao carismático e aos dons pessoais:

Um poder específico, “prestígio” pessoal que é mais ou menos independente do precedente, segundo os campos e as instituições, e que repousa quase exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetividade institucionalizado, do conjunto de pares ou da fração mais consagrada dentre eles (Bourdieu, 2004, p. 35).

Entendemos, pois, que a combinação da junção desses dois capitais formará a estrutura do pesquisador. Entretanto, a busca constante pelo poder é notória em meio a este “jogo acadêmico”, no qual ambos os lados tanto do pesquisador como das instituições que recebem as publicações deixam suas atividades arraigadas nesta organização a fim de obter este poder.

Na lógica da produtividade, segundo Bourdieu (2004, p. 41), há um conflito de poder que faz com que as instituições busquem por uma melhor classificação se adequando a determinados parâmetros tais como: variedade de filiações institucionais, qualificação dos membros de sua comissão de avaliação e a escolha criteriosa de seus autores.

Sendo assim, a busca pelo acúmulo desses capitais segundo Bourdieu (2004, p. 34) se concretiza de várias formas tais como: participação em bancas, eventos, comissões, através da adoção de estratégias políticas e publicações em revistas de prestígio. Por isso a importância de tanto os pesquisadores quanto às instituições sempre estarem ligados à produção em meio científico.

No entanto, de nada adianta o poder sem se ter os participantes do jogo para exercê-los. Neste aspecto, os participantes se dividem em dois grupos: aqueles que já possuem o conhecimento sobre as regras do jogo, sua organização e seus aspectos gerais, sendo melhores em ditarem as regras e exercerem autoridade, os agentes desse grupo são os dominantes. E um segundo grupo composto pelos pretendentes, novatos ou dominados, aqueles que tentam resistir à organização do jogo, se mostram iniciantes e inexperientes. Nem sempre os dominados serão dominados e os dominantes serão dominantes, isso porque a posição destes agentes dependerá do cenário em que estão inseridos. Para Bourdieu (2004) todos são agentes de um campo e juntos tecem uma rede, o que os diferenciarão será o posto em que se encontram colocados:

É preciso dizer, por outro lado, que por muito versado que possa ser, na “gestão de redes” (com que tanto se preocupam aqueles que julgam servir-se de sua “ciência” da ciência para promover suas teorias da ciência e afirmar seu poder de especialistas no mundo da ciência), as oportunidades de um agente singular tem de submeter as forças do campo aos seus desejos são proporcionais a sua força sobre o campo, isto é, ao seu capital de crédito científico, ou mais precisamente, a sua posição na estrutura de distribuição do capital (Bourdieu, 2004, p. 25).

Essas e outras características que juntas configuram a organização deste jogo acadêmico, um jogo que se tornou uma das grandes preocupações no meio acadêmico, tanto para pesquisadores quanto para as instituições de pesquisa, assim como ressalta a autora Ribeiro (2015):

Publicar transformou-se nas últimas décadas em uma grande preocupação no meio acadêmico. As exigências da CAPES (coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) quanto à publicação para profissionais especialistas, mestres, doutores e pós-doutores passaram a ser questão de sobrevivência na academia diante da necessidade avaliação dos programas de pós-graduação e da corrida internacional em busca do conhecimento. A produção científica compõe os currículos *lattes* do profissional e deve ser devidamente comprovada quando necessário, por exemplo, em concursos públicos para o provimento de cargos de professores, além de relacionada no Coleta Capes. Na mesma perspectiva, a criação e manutenção de periódicos de qualidade também têm buscado atender as exigências da CAPES. Além de enriquecer o debate acadêmico e fomentar a interlocução de pensamentos e ideias entre diversas instituições, grupos de pesquisa e áreas de conhecimento, com os periódicos, as instituições de ensino superior conseguem uma melhor qualificação para seus programas de pós-graduação, aos quais frequentemente o periódico está vinculado (Ribeiro, 2015, p. 13).

Pudemos depreender ao longo de nossa reflexão que a necessidade de se atribuir uma pontuação para qualificar as publicações científicas fez com que o meio acadêmico se apropriasse de características que estão interligadas à lógica Capitalista.

2 A lógica capitalista nas produções científicas

Ao analisar a crescente produção acadêmica e sua excessiva publicação, percebemos que no âmbito acadêmico há um apelo por produzir, que acrescentou a este espaço características específicas. Antes era visto como um meio de reflexão e estudos agora também se compreende como um meio de reação. Em nossa perspectiva, não basta apenas adquirir um capital intelectual é necessário que se apresente este capital adquirido através de artigos,

resenhas, pesquisas e trabalhos monográficos, que serão submetidos, avaliados, publicados e por fim mercantilizados.

Podemos perceber que as formas de organização da sociedade baseiam-se no modelo econômico vigente, como um exemplo temos a organização social por classes. O modelo de produção acadêmica está caminhando sob o pilar mercantilista fazendo-se uma associação ao modelo econômico em que a sociedade se encontra calcada: o Capitalismo. Este fazer acadêmico está transformando pensadores em burocratas que, em busca de maior produtividade, racionalizam o fazer acadêmico com a obtenção de algum propósito ou troca que aquele trabalho científico o denotará. Alguns dos frutos gerados pela mercantilização da publicação são citados por Trein e Rodrigues (2011, p. 15): “A publicação tornou-se condição para obtenção de financiamento à pesquisa, bolsa produtividade, melhores notas no ranqueamento da pós-graduação, prestígio junto aos pares, participação em eventos acadêmicos nacionais e internacionais”.

Nesse viés, ao estabelecer um paralelo entre a história do modelo econômico capitalista e contrapondo a forma de organização do meio acadêmico atual encontram-se várias semelhanças. Neste aspecto, os sistemas de gerenciamento estão muito próximos à lógica industrial, no qual, atribui-se a “produção acadêmica” um status merecedor de pontuações e qualificações de acordo com o local em que são vinculadas, com as citações utilizadas, com os coautores renomados e outras especificações.

Ao analisar o capitalismo industrial e sua organização na produção percebemos que ele se alimenta da velocidade. Trabalha-se com a perspectiva de que quanto mais rápido o capital for transformado em lucro, mais rápido poderá ser reinvestido para gerar lucros ainda maiores. Na economia, o advento da Revolução Industrial seria, portanto, o marco inicial para um mundo acelerado. Afinal, uma fábrica produzia mais bens em um dia de trabalho do que um artesão em toda sua vida. Entretanto, indaga-se se a qualidade desta produção seria a mesma.

Mais adiante, continuando em uma perspectiva econômica-social, a aceleração da produção atinge seu ponto alto quando o engenheiro Frederick Wislow Taylor¹ aciona seu cronômetro pela primeira vez em busca do "melhor" tempo para se executar uma tarefa. A lógica dos "tempos e movimentos" se espalha por diversos segmentos da sociedade, desencadeando um movimento sem precedentes de sobreposição entre tempo cronológico e

¹ Engenheiro mecânico e autor do livro “Os princípios da Administração Científica”. Conhecido por seus métodos científicos cartesianos na administração de empresas, o foco de seus estudos era na eficiência e eficácia operacional na administração industrial.

tempo psicológico, levando-nos a viver uma sombria experiência intersubjetiva denominada “pressa”. Com efeito, o relógio se torna a ferramenta principal de gestão no cotidiano, regulando nosso tempo de trabalho, de estudo e de lazer, "tornando-nos escravos dos horários. Pois, os horários representam prazos, e os prazos, por sua própria natureza, nos fazem correr" (Honoré, 2005, p. 33). Acreditamos, nesse viés, que o tempo nos fez reféns e como se não bastasse a quantificação de nossa produção há também o tempo ideal para esta produção.

Construímos, então, uma relação com a métrica do tempo e a busca da eficiência que é imposta por um ritmo de vida acelerado. A sociedade sugere que podemos fazer mais em menos tempo. Logo, a produtividade tende a ser maior, gerando melhores resultados para quem consegue vencer os ponteiros do relógio. Temos com isso a criação de um antagonismo fundamental, que servirá de justificativa para os mecanismos de pressão institucional derivados dessa lógica: o "rápido" como sinônimo de normal, de produtivo, moderno e eficiente *versus* o "lento" como sinônimo de anormal, de improdutivo, atrasado e ineficiente. Quem não é capaz de seguir o movimento deve ser descartado, pois gera gargalos na produção e compromete a produtividade.

A métrica do tempo e a forma hierárquica como é organizado as produções acadêmicas e as pesquisas mostram-se, atualmente, relacionadas ao modelo fabril capitalista. Assim como exposto por Trein e Rodrigues (2011, p. 11):

Para garantir a continuidade da produção científica, os consórcios de pesquisa estabelecerão uma disciplina interna rígida, de cumprimento de tempos e movimento, segundo o cronograma preestabelecido e ratificado pela agência de fomento. Obviamente, caberá a cada equipe de pesquisa o desenvolvimento de parcela preestabelecida do trabalho científico: do pesquisador sênior ao bolsista de iniciação científica, passando pelos mestrandos e doutorandos, cada qual com sua tarefa, todos em ordem unida sob supervisão do pesquisador-líder e todos vigiados pelos prazos das agências de fomento.

A semelhança entre a produção acadêmica e o modelo fabril, segundo Silva (2009), trata-se de uma forma de organização inadequada, pois o autor afirma que:

Estamos num ritmo de produção taylorista-fordista. Os números nada dizem sobre os efeitos perversos da corrida pelo Lattes. Os números nos enganam, nos dão a sensação de que estamos na direção certa, que tivemos “progresso” - outra palavra emblemática da ideologia positivista (Silva, 2009, p. 03).

Esse perigoso paralelo entre empresa e academia foi problematizado, também, por Waters (2006, p. 18), que diferencia esses dois mundos afirmando que “a vida acadêmica é um

chamado, não um emprego. Daí a propensão das necessidades acadêmicas a se orientar para um mundo diferente daquele dominado pelo relógio de ponto”.

Com essa passagem, podemos notar que o autor destaca o que seria estar na academia e estar no mercado. Nesse sentido, a lógica do “publicar ou perecer” começa a ser questionada quando nota-se que o “veloz” implica assumir a quantidade como medida de todas as coisas em prejuízo da qualidade que advém de uma reflexão amadurecida, exaustivamente discutida, analisada, questionada, referenciada e logo, “menos veloz”. Pois, como argumenta Roesch (2003):

O trabalho científico é demorado. Entre um *working paper* e um artigo publicado em uma revista de reputação internacional, há no mínimo dois anos de trabalho. No Brasil, a impaciência impera sobre a disciplina e a reflexão na pesquisa. A coleta de dados, com frequência, é assistemática. A análise é abreviada. Analisar, refletir e relatar leva muito tempo. E parece que não podemos perder tempo. [...] É necessário um tempo para voltar ao artigo e agregar-lhe valor. É exatamente este processo demorado que conduz à qualidade do texto final (Roesch, 2003, p. 166).

Ou seja, quando falamos em produção científica, devemos considerar o amadurecimento de uma ideia, que, de acordo com a associação feita por Honoré (2005) entre qualidade, quantidade e tempo de produção, precisa ocorrer "devagar" para ter qualidade. O que na maioria das vezes não acontece, quanto mais se produz, maior será o currículo. E ao deparar com uma avaliação feita com base no currículo Lattes observa-se que os pesquisadores que recebem as melhores avaliações são aqueles que possuem uma maior quantidade de publicações. Mas, assim como defende Bertonha (2009), nem sempre a quantidade está interligada com a qualidade:

Pensemos, por exemplo, em Einstein e no seu “ano miraculoso”, 1905. Em dois ou três artigos, ele mudou o panorama da física moderna. Talvez, se estivesse sendo avaliado pelo Lattes naquele ano, ficasse para trás frente a vários outros que produziram mais, mas com muito menos impacto. E, por impacto, não quero dizer simplesmente ser citado (o que é um bom indicador, mas não absoluto), mas trazer algo realmente novo para o seu campo de estudos (Bertonha, 2009, p. 3).

Pierre Bourdieu (2004) também afirma que o campo científico possui suas especificidades e se apresenta muito mais complexo do que verdadeiramente é. Assim como o mundo econômico, o científico conecta-se com uma relação de forças, fenômeno de

concentração do capital e do poder, uma apropriação dos meios de produção e reprodução. Assim argumenta Bourdieu (2004):

Tudo iria bem no melhor dos mundos científicos possíveis se a lógica da concorrência puramente científica fundada apenas sobre a força de razões e de argumentos não fosse contrariada e até mesmo, em certos casos, anulada por forças e pressões externas (como se vê nos casos das ciências que já estão a meio caminho no processo de automatização e onde se podem sempre disfarçar as censuras científicas e vestir de razões científicas os abusos do poder social específico, como a autoridade administrativa ou o poder de nomeação mediante bancas de concurso) (Bourdieu, 2004, p. 34).

Nessa perspectiva e baseando-se no pomposo volume de publicações que vemos atualmente, há uma crescente demanda por ferramentas de busca, verificação, recuperação e análise de documentos o que trouxe à tona a necessidade da criação de uma plataforma que contribuísse para manuseio deste material. Visando a integração dos sistemas de informação das principais agências de fomento do País, foi desenvolvida a Plataforma Lattes, sendo resultado do esforço do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES/MEC).

Hoje, fazem parte da Plataforma Lattes o Diretório dos Grupos de Pesquisa, Sistema de Currículos Lattes, Diretório de Instituições, Buscas, Sistema Gerencial de Fomento e Formulários Lattes de Propostas.

Segundo informações extraídas do site da Plataforma Lattes (2016), o *Curriculum Lattes* é o formulário eletrônico do MCT, CNPq, FINEP e CAPES/MEC para o cadastro de dados curriculares de pesquisadores e de usuários em geral com o objetivo de criar um instrumento curricular único. Seus dados são utilizados para: avaliação da competência de candidatos à obtenção de bolsas e auxílios; seleção de consultores, de membros de comitês e de grupos assessores e subsídio à avaliação da pesquisa e da pós-graduação brasileiras. Os formulários eletrônicos do currículo Lattes estão disponíveis na Internet. A partir de 2002, todos os bolsistas (iniciação científica, mestrado e doutorado), orientadores credenciados, e outros clientes do Conselho devem ter o *Curriculum Lattes* cadastrados, pois a inexistência deste impede pagamentos e renovações.

Fazendo-se uma análise com este cenário em que há uma pressão por publicar e as avaliações feitas pelos instrumentos de avaliação que visam apenas a quantidade, os autores Trein e Rodrigues (2011) ressaltam:

As pressões por maior produtividade, a concorrência por mais verbas, a diminuição dos tempos para manutenção de resultados deixa de ser uma decisão que afeta cada indivíduo em particular, com liberdade de ação, para construir-se em mecanismos de constrangimento coletivo por meio de instrumentos aparentemente objetivos e neutros, como são os instrumentos de avaliação e ranqueamento Trein e Rodrigues (2011, p. 16).

Nesse contexto, os acadêmicos com o intuito de extraírem bons resultados através de suas produções, e não apenas pelo fruto de suas análises de pesquisa, travam uma verdadeira batalha entre tempo e publicações, para alimentar seu currículo.

Considerações finais

Um novo cenário está se desenvolvendo no campo acadêmico, percebemos que se trata de um ambiente no qual faz-se necessário divulgar um conhecimento na forma de mercadoria. A forma de produção deste conhecimento mostra-se intensa para a obtenção de sucesso nos resultados. Neste contexto, notamos que a qualidade neste sistema de produção é um fator imprescindível, mas não o primordial, a quantificação dessa produção é o que verdadeiramente importa.

Neste artigo refletimos acerca desta perspectiva. Provocando uma reflexão primeiramente na forma de organização da produção científica que se assemelha a um jogo, no qual destacamos os pesquisadores, as instituições de fomento, o poder através do capital adquirido, o objetivo do jogo e outros aspectos. Este jogo acadêmico está associado a alguns parâmetros da lógica capitalista que potencializa as produções, faz com que se tornem merecedoras de pontuações, utilizam do tempo como medida de eficiência e equipara-se esta organização da produção às características do produtivismo no capitalismo. Diante o exposto, cria-se um mal-estar que assombra a Academia, assim como defendido pelos autores Trein e Rodrigues (2011, p. 785) este mal-estar é provocado pelo fetiche deste conhecimento mercadoria e o seu “canto de sereia” que é o produtivismo. O fruto do conhecimento, os trabalhos finais, as publicações e outras produções possui não só seu valor socialmente útil, mas também o seu valor de troca mercantil.

Neste mal-estar acadêmico, o pesquisador que aspira um reconhecimento na sociedade torna-se refém de uma organização que faz alusão ao “publicar ou perecer”. Sabemos que a forma de organização das publicações que eleva o produtivismo faz-se necessária para

que haja um parâmetro ao avaliar, como por exemplo, as avaliações feitas por meio do Currículo Lattes. Mas são nessas avaliações que a lógica produtivista se reafirma, um acadêmico terá uma melhor avaliação em detrimento de outros quando possuir mais publicações.

Conferimos a necessidade de aderir a esta forma de organização ao avaliar outras formas de mensurar esta produtividade e visando cada vez mais a qualidade do conhecimento adquirido, dos trabalhos finais, das pesquisas científicas e dos trabalhos em geral. Os sistemas de avaliação devem se atentar a quesitos como qualidade da publicação, inovação do tema, relevância do assunto proposto para o âmbito social e muitas outras peculiaridades que vão além da avaliação que possui como base, aspectos ligados a: quantidade de publicações, coautores citados, quantidade de citações, reputação do veículo de comunicação escolhido para ser publicado e outros critérios. Há neste sistema de produção acadêmica uma busca constante pela criação de parâmetros que assegurem a qualidade dos trabalhos produzidos, este seria um dos motivos do incentivo pela constante produção, entretanto, este crescimento vertiginoso de tais publicações deve ser pesquisado e analisado com atenção, para que a academia não perca a sua verdadeira essência.

Referências

- BERTONHA, J. F. Produção e produtividade no meio acadêmico. A “ditadura do lattes” e a universidade contemporânea. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 100, p. 1-4, Setembro de 2009.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BOURDIEU, P. O campo intelectual, um mundo à parte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim**. São Paulo: Brasiliense, 2004b. p. 169-179.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu-sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- HONORÉ, C. **Devagar**: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: perspectiva, 2000.
- ROESCH, S. Quem responde pelo desempenho limitado da produção científica em Administração no Brasil? **Organização & Sociedade**, v. 10, n. 28, p. 165-167, 2003.

RIBEIRO, D. A. **Estratificação A1 na educação**: estratégias e legitimidades da Educação em Revista. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João Del-rei, São João del-Rei.

SILVA, A. O. Produtivismo no campo acadêmico: o engodo dos números. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 100, p. 1-5, 2009.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento mercadoria. **Revista brasileira de educação**, v. 16, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27520749012>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

PLATAFORMA LATTES. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2016

WATERS, L. **Os inimigos da verdade**: eclipse da erudição e o fim da reflexão acadêmica. São Paulo: Unesp, 2006.

The mercantilization of knowledge: the capitalist logic of academic scientific publications

Abstract: The organization of the human production to which we are subjected has an intrinsic connection with the form of organization of the present society. In this context related to production, we highlight the academic environment and its specificities. We observe that, at present, there is a great induction to the excessive production in the academy. The factors that intensify this appeal for production and publications are several, either to make a robust curriculum, to achieve a differential in the selective processes that use the curriculum analysis and several other reasons that further intensify this allusion to productivity in academia. Understanding this phenomenon becomes essential and necessary, so this article aims to carry out a bibliographic review on this subject. The way the academic environment is organized, linked to the scientific productions, in our point of view, resemble a game with rules, participants, scores and several other characteristics. Thus, we can call this form of organization as being: the academic game. In this academic game, the researcher is persuaded to produce constantly, works in this production properties that are linked to the capitalist logic, as for example, the metric time and the measure of quantity, in which, the faster produce the better it is, and how much The larger the quantity too. In the final considerations we present a brief reflection on the contributions of the various authors and their works that compose this bibliographical revision, we highlight here the author Pierre Bourdieu and his book “The social uses of science by a clinical sociology of the scientific field” and Johan Huizinga and his Book “Homo Ludens”.

Keywords: Mercantilization; academic play; scientific knowledge.

Recebido: 10 dezembro 2024

Aprovado: 03 fevereiro 2025